



© 2008 PROF. ARIEVALDO ALVES DE LIMA

ÉTICA NAS ORGANIZAÇÕES

Para que Filosofia?

As evidências do cotidiano

Em nossa vida cotidiana, afirmamos, negamos, desejamos, aceitamos ou recusamos coisas, pessoas, situações. Fazemos perguntas das mais variadas possíveis. Fazemos afirmações e avaliamos coisas e pessoas, mas nem sempre obtemos as respostas que gostaríamos e/ou julgamos verdadeiras com os nossos desejos.

Em que acreditamos quando fazemos uma pergunta e aceitamos uma resposta? Acreditamos que o tempo existe, que ele passa, pode ser medido em horas e em dias, e o que já passou é diferente de agora e o que virá também há de ser diferente deste momento, que o passado pode ser lembrado ou esquecido, e o futuro, desejado ou temido. Assim, uma simples pergunta contém, silenciosamente, várias crenças não questionadas por nós¹.

Numa contenda, quando alguém chama outro de mentiroso porque não estaria dizendo os fatos exatamente como aconteceram, está presente a nossa crença de que há diferença entre verdade e mentira. A primeira diz as coisas tais como são, enquanto a segunda faz exatamente o contrário, distorcendo a realidade². Com isso, cremos que o erro e a mentira são falsidades, mas diferentes porque somente na mentira há a decisão de falsear. Ao diferenciarmos erro da mentira, considerando o primeiro uma ilusão ou um engano involuntários e a segunda uma decisão voluntária, manifestamos silenciosamente a crença de que somos seres dotados de vontade e que dela depende dizer a verdade ou a mentira. Ao mesmo tempo, porém, nem sempre avaliamos a mentira como alguma coisa ruim:

¹ As referências obtidas nas respostas nem sempre estão de acordo com as nossas perguntas. O canal comunicacional nem sempre está ajustado na entrada e na saída das informações. Aquilo que julgamos procedentes ou improcedentes nas crenças silenciosas. O provável e o possível, realidade e ilusão, são palavras-chave no julgamento do inquiridor e o respondente.

² Consideramos a mentira diferente do sonho, da loucura e do erro, porque o sonhador, o louco e o que erra se iludem involuntariamente, enquanto o mentiroso decide voluntariamente deformar a realidade e os fatos.

© 2008 PROF. ARIEVALDO ALVES DE LIMA

não gostamos de ler romances, de ver novelas, assistir a filmes? E não são mentiras?³

Ao dizermos que alguém “é legal” porque tem os mesmos gostos, as mesmas idéias, respeita ou despreza as mesmas coisas que nós e tem atitudes e costumes muito parecidos com os nossos, estamos, silenciosamente, acreditando que a vida com as outras pessoas – família, amigos, escola, trabalho, sociedade, política – nos faz semelhantes ou diferentes em decorrência de normas e valores morais, políticos, religiosos e artísticos, regras de conduta, finalidades de vida⁴.

A atitude Filosófica

Imaginemos, agora, alguém que tomasse uma decisão muito estranha e começasse a fazer perguntas inesperadas. O que é verdade? O que é falso? Quando existe a verdade e por quê? Quando existe a ilusão e por quê? E a mentira pode mudar a história? Pode haver uma pergunta objetiva e uma resposta subjetiva?⁵

Ao tomar esta distância, estaria interrogando a si mesmo, desejando conhecer porque cremos no que cremos, por que sentimos o que sentimos e o que são nossas crenças e nossos sentimentos. É neste ponto que começamos a adotar a atitude filosófica. Assim, uma primeira resposta à pergunta “O que é filosofia?” Poderia ser: A decisão de não aceitar como óbvias e evidentes as coisas, as idéias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana: jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido.

Analisemos, pois, o desdobramento desta atitude. A primeira característica da atitude filosófica é negativa, isto é, um dizer não ao

³ Quando a mentira é aceitável ou informada previamente, sentimos-nos numa zona de conforto, acreditando, portanto, que as pessoas, porque possuem vontade, podem ser morais ou imorais, pois cremos que a vontade é livre para o bem ou para o mal.

⁴ Achando óbvio que todos os seres humanos seguem regras e normas de conduta, possuem valores morais, religiosos, políticos, artísticos, vivem na companhia de seus semelhantes e procuram distanciar-se dos diferentes dos quais discordam e com os quais entram em conflito, acreditamos que somos seres sociais, morais e racionais, pois regras, normas, valores, finalidades só podem ser estabelecidas por seres conscientes e dotados de raciocínio.

⁵ Certamente esta decisão estaria sendo tomada por alguém distante da vida cotidiana e de si mesmo, teria passado a indagar o que são as crenças e os sentimentos que alimentam silenciosamente, nossa existência.

© 2008 PROF. ARIEVALDO ALVES DE LIMA

senso comum, aos pré-conceitos, aos pré-juízos, aos fatos e às idéias de experiência cotidiana, “ao que todo mundo diz e pensa”, ao estabelecido. A segunda característica da atitude filosófica é positiva, ou seja, uma interrogação sobre o que são as coisas, as idéias, os fatos, as situações, os comportamentos, os valores, nós mesmos. É também uma interrogação sobre o porquê disso tudo e de nós, e uma interrogação sobre como tudo isso é assim e não de outra maneira. Surge neste postulado, as fases positivas e negativas da atitude filosófica constituindo o comportamento que chamamos de atitude crítica e pensamento crítico.

Segundo historiadores, embora sem ter deixado nenhum legado escrito de suas pesquisas ou questões discutidas ao longo de sua vida, é atribuído ao grego Sócrates⁶, a paternidade da Filosofia, que afirmava que a primeira e fundamental verdade filosófica são dizer: “sei que nada sei”. Para o seu maior discípulo, o filósofo grego Platão, a Filosofia começa com uma admiração; já o discípulo de Platão, o filósofo Aristóteles, acreditava que a Filosofia começa com o espanto⁷.

Em busca de uma definição da Filosofia

Quando começamos estudar Filosofia, somos logo levados a buscar o que ela é. Nossa primeira surpresa surge ao descobrirmos que não há apenas uma definição da Filosofia, mas várias. A segunda surpresa vem ao percebermos que, além de várias, as definições parecem contradizer-se. Eis porque muitos, cheios de perplexidade, indagam: afinal, o que é a Filosofia que sequer consegue dizer o que ela é? Vamos narrar e avaliar pelo menos quatro definições importantes:

⁶ Os historiadores da Filosofia são unânimes em considerar que os principais testemunhos fornecidos por Platão e Xenofonte, que exaltam, e por Aristófanes, que combate e satiriza. Do confronto desses diferentes retratos é que se pode tentar extrair a verdadeira fisionomia de Sócrates.

⁷ Admiração e espanto significam: tomamos distância do nosso mundo costumeiro, através de nosso pensamento, olhando-o como se nunca o tivéssemos visto antes, como se não tivéssemos família, amigos, professores, livros e outros meios de comunicação que nos tivessem dito o que o mundo é; como se estivéssemos acabando de nascer para o mundo e para nós mesmos e precisássemos perguntar o que é, por que é e como é o mundo, e precisássemos perguntar também o que somos, por que somos e como somos.

1. Visão do mundo de um povo, de uma civilização ou de uma cultura. Filosofia corresponde, de modo vago e geral, ao conjunto de idéias, valores e práticas pelos quais uma sociedade aprende e compreende o mundo e a si mesma, definindo para si o tempo e o espaço, o sagrado e o profano, o bom e o mau, o justo e o injusto, o belo e o feio, o verdadeiro e o falso, o possível e o impossível, o contingente e o necessário⁸.
2. Sabedoria de vida. Aqui a Filosofia é identificada como a definição e a ação de algumas pessoas que pensam sobre a vida moral, dedicando-se à contemplação do mundo para aprender com ele a controlar e dirigir suas vidas de modo ético e sábio. A filosofia seria uma contemplação do mundo e dos homens para nos conduzir a uma vida justa, sábia e feliz, ensinando-nos o domínio sobre nós mesmos, sobre nossos impulsos, desejos e paixões. É nesse sentido que se fala, por exemplo, numa Filosofia do budismo⁹.
3. Esforço racional para conceber o Universo como uma totalidade ordenada e dotada de sentido. Neste caso, começa-se distinguindo entre Filosofia e religião e até opondo uma à outra, pois ambas possuem o mesmo objeto (compreender o Universo), mas a primeira o faz através do esforço racional, enquanto a segunda, por confiança (fé) numa revelação divina. Ou seja, a Filosofia procura discutir até o fim o sentido e o fundamento da realidade, enquanto a consciência religiosa se baseia num dado primeiro e inquestionável, que é a revelação divina indemonstrável. Pela fé, a religião aceita princípios indemonstráveis e até mesmo aqueles que podem ser considerados irracionais pelo pensamento, enquanto a Filosofia não admite indemonstrabilidade e irracionalidade. Pelo contrário, a consciência filosófica procura explicar e compreender o que parece

⁸ Qual o problema dessa definição? Ela é tão genérica e tão ampla que não permite, por exemplo, distinguir a Filosofia e religião, Filosofia e arte, Filosofia e ciência. Na verdade essa definição identifica Filosofia e Cultura, pois esta é uma visão de mundo coletiva que se exprime em idéias, valores e práticas de uma sociedade. A definição, portanto, não consegue acercar-se da especialidade do trabalho filosófico e por isso não podemos aceitá-la.

⁹ Esta definição, porém, nos diz, de modo vago, o que se espera da Filosofia (a sabedoria interior), mas não o que é e o que faz a Filosofia e, por isso, também não podemos aceitá-la.

© 2008 PROF. ARIEVALDO ALVES DE LIMA

ser irracional e inquestionável. No entanto, esta definição também é problemática, porque dá a Filosofia a tarefa de oferecer uma explicação e uma compreensão totais sobre o Universo, elaborando um sistema universal ou um sistema do mundo, mas sabemos, hoje, que esta tarefa é impossível¹⁰.

4. Fundamentação teórica e crítica dos conhecimentos e das práticas. A Filosofia, cada vez mais, ocupa-se com as condições e os princípios do conhecimento que pretenda ser racional e verdadeiro; com a origem, a forma e o conteúdo dos valores éticos, políticos, artísticos e culturais; com a compreensão das causas e das formas da ilusão e do preconceito no plano individual e coletivo; com as transformações históricas dos conceitos, das idéias e dos valores. A Filosofia volta-se também, para o estudo da consciência em suas várias modalidades: percepção, imaginação, memória, linguagem, inteligência, reflexão, comportamento, vontade, desejo e paixões, procurando descrever as formas e os conteúdos dessas modalidades de relação entre o ser humano e o mundo, do ser humano consigo mesmo e com os outros. Finalmente, a Filosofia visa ao estudo e à interpretação de idéias ou significações gerais como: realidade, mundo, natureza, cultura, história, subjetividade, objetividade, diferença, repetição, semelhança, conflito, contradição, mudança, etc¹¹.

¹⁰ Há pelo menos duas limitações principais a esta pretensão totalizadora: em primeiro lugar, porque a explicação sobre a realidade também é oferecida pelas ciências e pelas artes, cada uma das quais definindo para estudo (no caso das ciências) e para a expressão (no caso das artes), já não sendo pensável uma única disciplina que pudesse abranger sozinha a totalidade dos conhecimentos; em segundo lugar, porque a própria Filosofia já não admite que seja possível um sistema de pensamento único que ofereça uma única explicação para o todo da realidade. Por isso, esta definição também não pode ser aceita.

¹¹ A Filosofia não é ciência: é uma reflexão crítica sobre os procedimentos e conceitos científicos, Não é religião: é uma reflexão crítica sobre as origens e formas das crenças religiosas. Não é arte: é uma interpretação crítica dos conteúdos, das formas, das significações das obras de arte e do trabalho artístico. Não é sociologia nem psicologia, mas a interpretação e avaliação crítica dos conceitos e métodos da sociologia e da psicologia. Não é política, mas interpretação, compreensão e reflexão sobre a origem, a natureza e as formas do poder. Não é história, mas é interpretação do sentido dos acontecimentos. Conhecimento do conhecimento e da ação humanos, conhecimento da transformação temporal dos princípios do saber e do agir, conhecimento da mudança das formas do real ou dos seres, a Filosofia sabe que está na História e que possui uma história.

Qual a utilidade da Filosofia?¹²

O primeiro ensinamento filosófico é perguntar: O que é útil? Para que e para quem algo é útil? O que é inútil? Para que e para quem algo é inútil?

O senso comum de nossa sociedade considera útil o que dá prestígio, poder, fama e riqueza. Julga útil pelos resultados visíveis das coisas e das ações, identificando utilidade e a famosa expressão “levar vantagem em tudo”, desse ponto de vista, a Filosofia é inteiramente inútil e defende o direito de ser inútil.

Não poderíamos, porém, definir o útil de uma outra maneira? Platão definia a Filosofia como um saber verdadeiro que deve ser usado em benefício dos seres humanos.

Descartes dizia que a Filosofia é o estudo da sabedoria, conhecimento perfeito de todas as coisas que os humanos podem alcançar para o uso da vida, a conservação da saúde e a invenção das técnicas e das artes.

Kant afirmou que a Filosofia é o conhecimento que a razão adquire de si mesma para saber o que pode conhecer e o que pode fazer, tendo como finalidade a felicidade humana.

Marx declarou que a Filosofia havia passado muito tempo apenas contemplando o mundo e que se tratava, agora, de conhecê-lo para transformá-lo, transformação que traria justiça, abundância e felicidade para todos.

Merleau-Ponty escreveu que a Filosofia é um despertar para ver mudar o nosso mundo.

Espinosa afirmou que a Filosofia é um caminho árduo e difícil, mas que pode ser percorrido por todos, se desejarem a liberdade e a felicidade.

Qual seria, então, a utilidade da Filosofia? Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil; se não se deixar guiar pela submissão às idéias dominantes e aos poderes

¹² Atribui-se ao filósofo grego Pitágoras de Sumos que viveu no século V a.C. a invenção da palavra Filosofia. Segundo historiadores, Pitágoras teria afirmado que a sabedoria plena e completa pertence aos deuses, mas que os homens podem amá-las ou desejá-las, tornando-se filósofos. A palavra Filosofia é grega. São compostas por duas outras: philo deriva-se de philia, que significa amizade, amor fraterno, respeito entre os iguais. Sophia, quer dizer sabedoria e dela vem a palavra sophos, sábio. Portanto, o significado da palavra esta pautada na amizade pela sabedoria ou ter amizade pelo saber.

© 2008 PROF. ARIEVALDO ALVES DE LIMA

estabelecidos for útil; se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos for útil, então podemos dizer que a Filosofia é mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes.

Cronologia Socrática

| | |
|----------------|---|
| 480 a.C. | A perda das Termópilas abre a Grécia central à invasão. A frota grega esmaga a persa em Salamina. Nascimento de Eurípides. |
| 479 a.C. | Vitória dos gregos sobre os persas em Platéia, em terra, e em Micale, no mar. Término da segunda guerra médica e início da hegemonia de Atenas. |
| 477 a.C. | Formação da confederação de Delos, que se transformará, pouco a pouco, em império ateniense. |
| 469 a.C. | Nascimento de Sócrates. |
| 461 a.C. | Anaxágonas de Clazômena fixa-se em Atenas. |
| 460 a.C. | Nascimento de Tucídides. |
| 456 a.C. | Morte de Ésquilo. |
| 432 / 429 a.C. | Sócrates participa da campanha e do cerco de Potidéia. |
| 449 / 429 a.C. | Governo de Péricles. |
| 431 a.C. | Começo da guerra do Peloponeso entre Esparta e Atenas. |
| 428 a.C. | Nasce Platão, o mais importante discípulo do patrono da filosofia. |
| 424 a.C. | Sócrates participa da batalha de Délio. |
| 423 a.C. | São apresentadas simultaneamente, em concurso, As Nuvens de Aristófanes e o Connos de Amípsias. |
| 421 a.C. | Paz de Nícias: fim do primeiro período da guerra. |
| 415 / 413 a.C. | A guerra recomeça entre Atenas e Esparta. |
| 406 a.C. | Questão das Arginusas e pritania de Sócrates. |
| 404 a.C. | Assédio e capitulação de Atenas. Assassínio de Alcibíades. |
| 404 / 403 a.C. | Governo dos Trinta Tiranos. |
| 403 a.C. | Restauração da democracia. |
| 399 a.C. | Processo e morte de Sócrates. |